



GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ISSN 2177-3688

MEDIAÇÃO DA CULTURA E DA INFORMAÇÃO EM RODAS CULTURAIIS

MEDIATION OF CULTURE AND INFORMATION IN RODAS CULTURAIIS

Leticia de Souza Blanco - Universidade Federal Fluminense (POSGEOI/UFF)

Elisabete Gonçalves de Souza - Universidade Federal Fluminense (PPGCI/UFF)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Tem como objetivo discutir e analisar os processos de mediação da informação e da cultura nas rodas culturais, evento da cena Hip Hop, que envolve atividades relacionadas às expressões artísticas (artes plásticas e dança) e literárias (saraus e batalhas de rima) que são protagonizadas por jovens, em sua maioria moradores das periferias das grandes cidades. O estudo analisa as rodas culturais entendendo-as como um fenômeno infocultural por meio do qual a juventude se apropria das praças e ruas da cidade resignificando-as como lugares de informação, de mediação e de interação; onde por meio de relações socioculturais compartilham conhecimentos e saberes e se conectam a redes de sentido, por meio de suas poesias e rimas. Destaca o caso da Roda Cultural do Engenho do Mato (Niterói, RJ), sua relação orgânica com a associação de moradores e o fato de terem ocupado um espaço público e dele se apropriado para atender as demandas de educação, cultura e lazer dos moradores e seus filhos, o que culminou com a criação de uma biblioteca comunitária. Os resultados da pesquisa apontam que as rodas culturais reúnem elementos informacionais e comunicacionais que vêm dando voz aos jovens, que por meio da arte de rua anunciam seus sonhos e desejos, mas também denunciam o preconceito e a discriminação que sofrem.

Palavras-chave: Mediação da Informação; Mediação da cultura; Arte e conhecimento; Roda Cultural.

Abstract: Its objective is to discuss and analyze the processes of mediation of information and culture in the cultural circles, an event of the Hip Hop scene, which involves activities related to artistic expressions (plastic arts and dance) and literary expressions (soirees and rhyme battles) and which are carried out by young people, mostly residents of the outskirts of large cities. The study analyzes the cultural circles, understanding them as an infocultural phenomenon through which youth appropriates the squares and streets of the city, re-signifying them as places of information, mediation and interaction; where, through sociocultural relations, they share knowledge and knowledge and connect to networks of meaning, through their poetry and rhymes. It highlights the case of Roda Cultural do Engenho do Mato (Niterói, RJ), its organic relationship with the residents' association and the fact that they occupied a public space and appropriated it to meet the demands of education, culture and leisure of residents and their children, which culminated in the creation of a community library. the prejudice and discrimination they suffer.

Keywords: Mediation of Information; Mediation of culture; Art and knowledge; Cultural Wheel.

1 INTRODUÇÃO

Para Nunes e Cavalcante (2017) o conceito da mediação na Ciência da Informação (CI), envolve duas perspectivas: a primeira relaciona-se aos serviços e produtos de informação, como a produção de catálogos para mediar o acesso aos acervos, a segunda se refere à abordagem sociocultural, expressa nas práticas informacionais dos sujeitos, na forma como interagem e se relacionam com o mundo.

Independentemente da perspectiva escolhida, a mediação da informação, conforme ressalta Almeida Júnior (2009) exige uma concepção de informação “[...] que desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação”, pois quem determina a sua existência, ou não, é o sujeito. Significa dizer que a informação como *devir* só se realiza com a participação ativa do sujeito. Gomes (2020, p.8) endossa essa reflexão ao dizer que a informação se estabelece nas relações sociais, caracterizando-se como o resultado do compartilhamento de conhecimento e saberes que emergem “[...] da articulação de agenciamentos no coletivo, das experiências coletivas, que se conectam a redes de sentido, tecidas na experiência singular das memórias dos sujeitos”.

Feitosa (2016, p. 12) corrobora ao dizer “Entre a linearidade da oferta e da procura informacionais deve estar a dimensão cultural da informação, seus processos de semiose informacional e as possibilidades de se aferir as chamadas mediações socioculturais”. A centralidade da cultura em suas diversas manifestações é destacada pelo autor, que a define como “[...] espaço ambivalente das linguagens em atualizações constantes de seus significados e do próprio caráter fenomenológico da informação produzida, difundida e recebida” (FEITOSA, 2016, p. 109). Nesse sentido, pode-se dizer que ao conjugar as práticas de informação à cultura, a mediação, enquanto objeto de estudo da CI, ganha maior complexidade possibilitando, dentre outras coisas, diferentes perspectivas para o próprio conceito de informação, permitindo compreendê-lo por meio de arranjos sociais, técnicos e culturais.

Dentre estes arranjos destacamos as rodas culturais, fenômeno infocomunicacional que recorta a cena urbana, principalmente as das periferias das cidades. Apoiados nos estudos de Marilena Chauí entendemos a “roda cultural” como obra coletiva “que captura a experiência do mundo dado para interpretá-la, criticá-la, transcendê-la e transformá-la [...] ação para dar a pensar, dar a ver, dar a refletir, a imaginar e a sentir o que se esconde sob as

experiências vividas ou cotidianas” (CHAUÍ, 2008, p. 61). As reflexões de Chauí (2008) ajudam-nos a situar as rodas culturais como uma obra coletiva, que relata as experiências cotidianas de viver a cidade e suas contradições sociais, matéria expressa nas poesias dos rappers e nos grafites que emolduram a cena; ações de mediação cujas intervenções contestam a sociedade de classes, a dominação e a exclusão social por meio da ocupação das praças, mostrando ser a cultura e o acesso aos bens e obras culturais um direito de todos os cidadãos (CHAUÍ, 2008, p. 61).

Este artigo tem como objetivo discutir e analisar os processos de mediação da informação em ações culturais como as rodas culturais, eventos da cena Hip Hop que têm como palco os espaços públicos urbanos, como ruas e praças. Segundo Campos (2020, p. 587), o espaço público urbano para a juventude corresponde a “[...] um campo de sociabilidade e de criatividade, utilizado como palco para o desenvolvimento de práticas que se desenrolam fora da alçada das instituições”. Isso ocorre porque a juventude não encontra espaço na cena cultural tradicional da cidade, seja pelo custo financeiro necessário para acessar estes espaços ou pela sua dispersão na cidade, concentrando-se em áreas nobres e privilegiadas, longe das periferias. Dessa forma, recorrem às rodas culturais, que no momento “estão respondendo informalmente aos anseios de uma juventude criativa, plural, que não é acolhida nos equipamentos formais de cultura” (ALVES, 2014, p. 442). Como destaca Carrano (2013, [p.1]), “A falta e a precariedade dos espaços culturais públicos se apresentam como elementos de forte inibição para que o tempo de juventude possa ser vivido como experiência cultural plural e qualificada”. Dessa forma, entende-se que a juventude é diretamente atingida pela ausência e precariedade dos espaços culturais, perdendo espaços de sociabilidade, de fruição artística e de lazer. Dado isto, a questão problema que norteia o estudo é: como se dá a mediação da informação e da cultura em espaços não institucionalizados como as rodas culturais?

Para discutirmos esta questão elencamos como categorias centrais juventude, mediação cultural e informação. A juventude foi escolhida, pois conforme se observou em trabalho de campo a maior parte do público e dos artistas que se apresentam nas rodas culturais, fenômeno que investigamos neste trabalho, são jovens. No entanto, é importante frisar que há outros atores sociais que também participam do evento como espectadores: os moradores do bairro, os familiares dos artistas, os comerciantes, entre outros. Além disso, os jovens foram escolhidos como sujeitos da pesquisa, pois entende-se, conforme Lourenço

(2010), que desde o seu surgimento nos Estados Unidos o Hip Hop possui um forte caráter juvenil, caracterizado pela contestação e protesto a questões sociais e econômicas cotidianas.

Parte-se do pressuposto de que as rodas culturais são um fenômeno infocultural por meio do qual a juventude periférica vê e se apropria da cidade. Uma cidade que a exclui do acesso a equipamentos culturais como as bibliotecas, os teatros etc. e que a leva a se apropriar das praças e ruas da cidade e ressignificá-las como lugares de informação, de leitura, de arte, de música, onde à margem do circuito hegemônico de cultura, conseguem se expressar, falar de si e dos problemas sociais que enfrentam cotidianamente. Nesses eventos os jovens se desafiam e duelam criando rimas, declamando poesias, fazendo de suas vozes e corpos um instrumento de prazer, de alegria, mas também de denúncia e de reivindicação de direitos.

A metodologia empregada na pesquisa caracteriza-se como exploratória, pautada em revisão de literatura e estudo de caso. Os procedimentos foram realizados em duas etapas. Na primeira foi feito levantamento nas bases de dados BRAPCI¹ e BENANCIB² com os descritores cultura de rua, Hip Hop, mediação cultural e mediação informacional. Foram encontrados doze artigos com aderência à temática e todos foram usados para fundamentar as análises. A segunda etapa, voltou-se para a Roda Cultural do Engenho do Mato, tomando-a na perspectiva de um estudo de caso que foi realizado mediante idas a campo, em julho e agosto de 2022, sendo observados durante esse período dois eventos. Durante o campo foram registradas observações em um diário onde destacou-se os seguintes aspectos: a relação entre o público e os artistas, o ambiente da roda (a praça do Engenho do Mato e seu entorno), e a parceria da biblioteca comunitária com a roda, sendo a associação dos moradores a responsável pela gestão da biblioteca e do evento. Também foram feitos registros fotográficos de modo a entender a dinâmica que envolve a produção da roda, um trabalho coletivo que mobiliza várias pessoas: organizadores, rappers, MCs, poetas, artistas de ruas, comerciantes (muitos deles apoiadores financeiros do evento), moradores e espectadores em geral.

Por meio da observação participante, buscou-se conhecer mais sobre os processos de mediação da informação e da cultura realizados pelos organizadores e pelos artistas que frequentam as rodas culturais, atendo-se a descrever e analisar a Roda Cultural do Engenho do Mato, realizada mensalmente, às 6^ª feiras, na praça central do bairro do Engenho do Mato,

¹ BRAPCI - Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação.

² BENANCIB - Base de dados que reúne os trabalhos do ENANCIB (Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação).

localizado em Niterói, RJ. Esta Roda foi escolhida como “estudo de caso”, pois reúne o maior número de expressões artísticas da cultura Hip Hop, além do forte envolvimento de seus organizadores com os coletivos locais, como a Associação dos Moradores do Engenho do Mato (AAMEM), e pelo fato de ser a única da cidade a ter como parte do movimento uma biblioteca comunitária - a BEM - Biblioteca Comunitárias do Engenho do Mato.

2 A MEDIAÇÃO NAS RODAS CULTURAIS: UM LEVANTAMENTO TEÓRICO DO CONCEITO

Na área da CI, a mediação possui definições distintas que abrangem desde o atendimento ao usuário até elaboração de “políticas de capacitação ou de acesso às tecnologias de informação e comunicação” (ALMEIDA, 2007, p. 4). No entanto, com o passar dos anos, esse conceito se ampliou, abarcando dentro de si as práticas culturais e considerando como mediadores não apenas os profissionais especializados, incluindo outros atores sociais nesse processo. Martins (2019), em estudo sobre a obra de Martín-Barbero³, explica que o conceito de mediação ganhou um novo sentido no campo da informação, sendo vinculado” [...] aos processos de significação e ressignificação da informação, de produção social dos sentidos e à compreensão epistemológica da informação e da comunicação a partir da cultura” (MARTINS, 2019, p. 137). A influência deste intelectual possibilitou uma nova compreensão para o conceito de mediação como o “ato constitutivo dos processos de construção de sentidos e instância produtora de significação” (PERROTI; PIERUCCINI, 2014, p. 19) que emerge da experiência coletiva e do compartilhamento de saberes (ALMEIDA JÚNIOR, 2009; GOMES, 2020).

Com o avanço de estudos culturais no campo da CI, principalmente na década de 1980, o conceito de mediação da informação se ampliou, dando ênfase à cultura como ponto de partida para a compreensão das práticas informacionais e comunicativas. Nesse sentido, a cultura se consolida como um referente a partir do qual os sujeitos estabelecem suas relações, suas ações e suas mediações, atuando como sujeitos ativos e produtores de conhecimento, sobre si mesmos e sobre a realidade que os cerca. Assim, percebe-se que “a mediação cultural da informação proporciona uma humanização das mediações informacionais, tornando os seres humanos protagonistas do processo de atribuição e produção de significados e sentidos” (SILVA, CAVALCANTE, 2022, p. 11).

³ Martín-Barbero foi um semiólogo, antropólogo e filósofo colombiano, teórico e pesquisador das áreas de comunicação e cultura. Contribuiu com a área da CI, ampliando o significado do conceito de mediação, considerando em suas reflexões a vivência cultural dos sujeitos a partir de suas práticas sociais cotidianas.

Se considerarmos que os sujeitos, na condição de seres individuais e coletivos, estabelecem conexões com elementos culturais que lhes propiciam a interpretação e construção da realidade, e se entendermos que tais conexões se dão a partir da apropriação da informação dos elementos simbólicos por meio de processos de mediação (seja direta ou indireta), é possível concebermos a noção de “mediação cultural da informação”, de forma ampla, como um processo para aproximação e interlocução das diferentes formas culturais de compreensão dos fenômenos informacionais existentes nas sociedades (BEZERRA; CAVALCANTE, 2020, p. 6).

Segundo os autores, a mediação da informação está relacionada ao entendimento de que os sujeitos, ao interpretarem e refletirem sobre a realidade, se apropriam simbolicamente dos elementos culturais que lhes cercam. Isso ocorre a partir da mediação que possibilita a aproximação e compreensão dos significados dos fenômenos informacionais existentes. Conforme pontua Feitosa (2016), para pensarmos sobre a mediação cultural da informação é necessário irmos para além dos suportes informacionais, da relação emissor/receptor, dos sistemas de armazenamento e de busca; temos que refletir sobre os contextos culturais da produção da informação que envolvem emissão, difusão, circulação e recepção. Por isso, a importância de nos debruçarmos sobre as trajetórias de vida dos artistas, compreendendo sua origem, seus grupos sociais, seus territórios de vida, seus trajetos pela cidade e o espaço-tempo em que vivem.

Tal como defendem Mendonça, Feitosa e Dumont (2019, p. 3) entende-se neste trabalho a informação como um fenômeno indissociável da cultura, como algo “construído e reverberado a partir das relações advindas das dinâmicas humanas, que promovem sistemas, necessidades, classificações, buscas, usos e apropriações”. Nesse sentido, é impossível pensarmos sobre o conceito de mediação sem nos atermos à cultura, pois seu conteúdo só ganha sentido quando nos aproximamos dos contextos socioculturais em que se inscrevem.

[...] Assim entendida, ela, informação, não existe antecipadamente, mas apenas na relação da pessoa com o conteúdo presente nos suportes informacionais. Estes são concretos, *mas não podem prescindir dos referenciais, do acervo de experiências e do conhecimento de cada pessoa*. Em última instância, quem determina a existência da informação é o usuário, aquele que faz uso dos conteúdos dos suportes informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 97, grifo nosso).

A mediação cultural se baseia em três pilares fundamentais: informação, comunicação e cultura, elementos estes que se inter-relacionam. Nesse caminho, a mediação cultural se relaciona com a forma com a qual “os sentidos são postos em movimento, sendo constantemente reelaborados pelos próprios indivíduos ao se apropriarem de signos e

linguagens [...], destinando-se mais à apropriação do que à mera recepção de bens simbólicos e culturais” (NUNES; CAVALCANTE, 2017, p. 12). No processo de apropriação, os sujeitos não só escutam e interpretam os significados e os sentidos, como também agem e interagem sobre eles, gerando novos fluxos infocomunicacionais (MENDONÇA; FEITOSA; DUMONT, 2019).

A cultura é o processo através do qual o homem cria algo onde antes imperava o nada. Esse algo é toda complexidade de criações simbólicas, de sentidos e significados que damos às coisas e ao mundo. Um “algo” que não se sustenta se não se entender os processos culturais como mecanismos de mediação entre nós e os fenômenos. Assim, mais do que apenas um elemento da comunicação [e da informação], a mediação é, por excelência, cultural. As diversas modalidades de mediação são apenas sotaques diferenciados dessa mediação [que já nasce como] cultural. Assim é a mediação informacional (FEITOSA, 2016, p. 102).

A partir da cultura e de suas diferentes expressões se produzem significados e sentidos ao que se vive. A relação entre os sujeitos e os fenômenos informacionais/sociais ocorre pelo processo de mediação, que possui como alicerce a cultura, produtora de representações simbólicas forjadas dentro de um contexto específico. Como destaca Caune (2014, p.1) “Os fenômenos culturais são vivenciados pelo indivíduo, mas suas significações são válidas somente dentro de um quadro histórico e social”.

No caso das rodas culturais, os fluxos infocomunicacionais, se realizam nos espaços públicos, como as praças, em sua maioria localizadas em bairros periféricos. São neles e em seu entorno que o evento ganha força enquanto produção cultural, mobilizando os jovens artistas da comunidade, moradores e comerciantes locais. A roda catalisa o fluxo, as trocas de informações entre sujeitos que por ali circulam, em sua maioria jovens que compartilham as mesmas práticas comunicacionais da cultura Hip Hop e que encontram no evento um espaço para se expressarem. Adotado majoritariamente por jovens negros e pobres, o Hip Hop, assumiu no Brasil a condição de movimento artístico e social, com foco na contestação, na luta por direitos sociais e de cidadania tornando-se um agente catalisador dessas lutas, além de promover a integração social desses jovens. Como pontuam Cazé e Oliveira (2018, p. 7) “[...] o Hip Hop é a forma dos guetos da periferia expressarem as suas dificuldades, sendo também uma forma de resistência de classe dos excluídos”.

No Brasil, o movimento Hip Hop ganhou repercussão nas periferias urbanas na década de 1980, principalmente na cidade de São Paulo, proporcionando voz e protagonismo a jovens que almejavam revolucionar a cultura, os comportamentos, as atitudes, as formas de se vestir

e se portar (PAULA, 2011). Ao longo dos anos, foi ganhando adeptos em todas as regiões do país, principalmente de jovens que viam no movimento uma forma de identificação, meio de ascensão social, um lazer, uma fuga da realidade, às vezes violenta, e um espaço de sociabilidade. Vale ressaltar que a identidade negra se tornou uma das pautas do movimento Hip Hop, buscando o reconhecimento e a valorização do povo negro como parte da história social, indo contra as questões segregacionistas e se posicionando a favor da luta antirracista. Assim, o Hip Hop consolidou-se como “[...] um dos mais importantes movimentos de construção e autoafirmação da identidade do negro na sociedade brasileira rumo à alteridade e ao respeito negados ao longo da maior parte da sua história (PAULA, 2011, p. 72).

No Brasil, as cidades, nas últimas décadas, têm passado por uma intensificação do processo de segregação socioespacial, reflexo do processo de mercantilização do espaço urbano, o que tem impactado na relação entre sujeito-cidade, reduzindo seus espaços de sociabilidade fazendo que as praças e ruas se tornem palcos de culturas juvenis.

Apesar de estarem, econômica e espacialmente, à margem da sociedade e da atenção do poder público, os jovens das periferias não se deixam silenciar, denunciam os preconceitos e discriminações que sofrem no cotidiano urbano, revelando junto com os demais jovens (de outras regiões, de outros segmentos sociais) a multiplicidade do que é ser jovem na cidade. Na seção que segue nos atemos em explicar como as rodas culturais se constituem como espaços de informação mediados por práticas culturais, “[...] em que seus elementos artísticos (literatura, música, dança e artes plásticas) funcionam como condutores de informação mobilizando os jovens e promovendo a construção da consciência crítica, da autonomia e da emancipação” (SILVA; ALBAGLI, 2012, p. 2).

3 RODAS CULTURAIS

As rodas culturais são manifestações artísticas que unem expressões ligadas ao movimento Hip Hop (o break, o grafite, o rap, o DJ, batalhas de rima, poesia) em espaços públicos da cidade. Elas são organizadas com a finalidade de fomentar um espaço de encontro, de sociabilidade, de expressão artística e de lazer a baixo custo (CARRANZA ET AL., 2019). As rodas acontecem semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente a depender da organização, de forma gratuita, sem qualquer tipo de restrição à circulação de pessoas.

Em dias de roda o público ocupa a praça: são comerciantes, jovens e adultos que se reúnem para conversar, beber e comer. Na maioria das rodas, os artistas - MCs⁴ - chegam por volta das 19h e colocam seus nomes para participar do sarau de poesia e das batalhas de rima, e às 22h começam as atividades. O público participa escolhendo, por meio de sorteio, os artistas que vão batalhar e incentivam os MCs nos duelos balançando suas mãos no ritmo do *beat*⁵. São momentos de interação que reafirmam ser estes espaços lugares de encontro, de trocas de informação e de sociabilidade que “promovem práticas de valorização identitária e coesão social através da realização de encontros comunitários principalmente mobilizados em torno da palavra literária” (ALMEIDA, 2018, p. 697-698) que se faz presente nas rimas, nas poesias, no microfone aberto e nas performances dos artistas. Nos eventos acontecem dois tipos de batalhas de rima: batalha de sangue e batalha de conhecimento. Na batalha de sangue um MC desafia o outro, sendo o objetivo principal desmoralizá-lo, seja destacando características ruins, relevando intrigas ou apelando para comentários mais agressivos. Já a batalha de conhecimento, ela tem como norte um quadro onde o MC, com base no pedido do público, escreve os temas que deverão constar nas rimas, deixando o MC livre para escolher sobre quais assuntos ele quer rimar. Assim, a batalha de conhecimento restringe um pouco mais o MC já que o mesmo não pode sair muito do tema escolhido pela plateia se quiser ganhar a competição. As batalhas de rima, assim como as poesias, abarcam vários assuntos que atravessam o cotidiano dos jovens, como: amor, miséria, pobreza, política, humor, mobilidade na cidade são recorrentes.

Em relação à dimensão cultural-pedagógica, pode-se dizer que as rodas criam um espaço de interação, onde o público decide sobre as formas de expressão e estabelecem as regras, “[...] falam suas linguagens, propõem conteúdos segundo seus interesses. São formas de construir um saber próprio, com sentido e significado para eles/as” (CARRANZA ET AL., 2019, p. 84). Assim, vemos que as rodas possuem regras sociocomunicacionais que devem ser seguidas por aqueles que participam. As regras podem ser implícitas, ou seja, analisando a forma como os MCs se portam durante a roda já se deduz que não são bem-vindos determinados comentários ou comportamentos, ou explícitas, como acontece quando os

⁴ MCs – Mestre de cerimônia. Artistas que se apresentam nas batalhas de rima, também atuam na apresentação do evento, dialogando com o público.

⁵ Beat [batida]: percussão vocal do hip-hop; arte de reproduzir sons de bateria e efeitos eletrônicos com a voz, boca e nariz.

organizadores, antes das batalhas de sangue, estipulam algumas regras como proibir ofensas a quem não está na batalha ou ao público de forma geral.

Para sua consolidação como movimento os organizadores, jovens e artistas que frequentam as rodas culturais adotam processos socioinformacionais que se expressam em conhecimentos sistematizados, explicitados em materiais de comunicação, como folders, cartazes, e em ações como oficinas, palestras e reuniões. São atos comunicacionais e informacionais “[...] que consistem em um processo de interação social, tendo a informação um papel de mediadora da ação consciente dos atores que fazem parte desse processo”. (SILVA; ALBAGLI, 2012, p. 4). As rodas culturais são intervenções artísticas que abordam temas cotidianos da cidade (desigualdade, pobreza etc.) por isso não podem ser pensadas afastadas dos espaços urbanos que as acolhem. Tendo como pano de fundo a poesia e as rimas, ressignificam os espaços, dando-lhes novos sentidos. Um exemplo são as batalhas de conhecimento que abarcam vários assuntos que atravessam o cotidiano dos jovens.

Enquanto ação cultural, as rodas são espaços “instituidores de sentido” (HALL, 1997, p. 16) atravessados por práticas de mediação que expressam “[...] um processo de significação do real, de produção de sentidos, que só é possível por estar inserida em um contexto sociocultural, político e histórico” (SILVA, CAVALCANTE, 2022, p. 2). A partir das rimas e poesias, os artistas expõem seus posicionamentos sobre a sociedade e sobre as questões sociais (desigualdade, pobreza, etc.) que lhes afetam, tornando explícitos seus sentidos e significados advindos dos contextos históricos e geográficos em que se inserem.

Inseridos em diferentes contextos sociais, poetas e MCs narram suas representações de cidade e, mergulhados nas experiências e vivências no urbano as externalizam para o público a partir de suas representações e performances. Ao fazerem isso, eles se consolidam como mediadores. Nesse sentido, torna-se claro que “A cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas” (HALL, 1997, p. 22).

Os *hip hoppers*, que participam das rodas culturais, com suas rimas e poesias, com seus grafites e com seus *rap* ocupam os espaços públicos da cidade, transformando-os e ressignificando-os. As ruas tornam-se espaços de exposição artística, as praças se tornam espaços de disputa de *break dance* e encontro de jovens, as paredes e muros, com os grafites, demarcam a presença de determinados grupos sociais naquele espaço (LOURENÇO, 2010).

São nesses espaços públicos “[...] que são levadas a efeito as formas da mediação; lugares nos quais é possível a dialetização das formas coletivas e as representações singulares [onde] o espaço público é, por definição, o lugar da mediação cultural” (LAMIZET, 1999, *apud* COSTA, 2009, p. 2). A mediação se consolida na interação dialética entre o singular (o indivíduo) e o coletivo (a sociedade) que resulta em representações simbólicas expressas em rimas e poesias que se fazem presentes na programação das rodas.

Essas manifestações encontram abertura nos espaços públicos, onde os *hip hoppers* conseguem escapar do olhar institucional, construindo seu próprio modo de ser, e evidenciando suas diferenças (culturais, econômicas, políticas e sociais). Conforme Cavalcanti (2007, p. 22) “os espaços públicos são lugares de coabitação, onde se podem expressar infinitas diferenças. Neles o encontro acontece [...] assim como ocorre a explicitação das diferenças, das divergências e das contradições”.

Os mediadores culturais são “os novos intermediários culturais” que vêm ocupar um terreno sobre o qual têm precedido anteriormente os professores, os animadores, os educadores [...] Distingue-se dois tipos de estatutos na profissão. Os mediadores que são responsáveis pela concepção dos projetos e das ações (fração superior em capital cultural - chefe de projeto, projetista de exposição, agente de desenvolvimento cultural...). E os que são responsáveis pela aplicação dos projetos e das ações (agente local de acompanhamento cultural, mediador do livro, animador de públicos jovens, animador-conferencista [...]) (CAILLET, 2000 *apud* COSTA, 2009, p. 6).

Nesse sentido, conforme a autora, pode-se definir dois tipos de mediadores: aqueles que fazem parte da fração superior em capital cultural como os agentes hegemônicos (ex. Prefeitura da cidade, que autoriza o uso da praça) e aqueles que são responsáveis por agir nos espaços aplicando projetos e ações culturais como é o caso dos organizadores das rodas e dos MCs que participam fazendo a mediação nas batalhas de rima e incentivando o público a interagir com os artistas. A seguir nos dedicamos a descrever as ações culturais realizadas pela comunidade do Engenho de Mato, bairro periférico da cidade de Niterói, RJ, em que há poucos equipamentos culturais disponíveis e que levou a associação de moradores do bairro, com os comerciantes locais a criarem, em 2013, uma roda cultural na principal praça do bairro.

3.1 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA CULTURA NA RODA DO ENGENHO DO MATO

O Engenho do Mato é um dos bairros da cidade de Niterói com menor poder aquisitivo. O bairro está localizado em região com alto nível de desigualdade social e possui poucos equipamentos culturais disponíveis, como teatros, centros culturais e bibliotecas (NITERÓI,

2013). Tal situação levou os moradores a criar, em 2013, a Biblioteca Comunitária do Engenho do Mato (BEM). A BEM surgiu da ocupação cultural da antiga biblioteca do CIEP⁶, um espaço anexo à escola, que se encontrava desativado e em estado de abandono. O acervo foi formado por doações e a gestão do espaço é feita por um coletivo de moradores ligado à associação do bairro. A criação da BEM motivou a organização da roda cultural na praça central do bairro. A roda acontece desde 2013, mensalmente às sextas-feiras a partir das 18 horas. O trabalho é feito de forma autônoma, contando com a colaboração dos artistas locais, de algumas rodas parceiras, de alguns coletivos e dos moradores, sem apoio da prefeitura.

Nos dias que tem roda a BEM se mantém aberta até mais tarde, por volta das 22h. Exemplares com muitas duplicatas são doados ao público, em sua maioria livros de literatura. A ideia é estimular a prática da leitura e o retorno à biblioteca como leitor. Durante a semana o espaço abriga eventos comunitários, um pré-vestibular social, aulas de ballet, cine debates, oficinas de artesanato e de música, entre outras atividades. Antes de começar a roda, os organizadores ajustam o som, os MCs conversam e treinam suas rimas. Pessoas que se encontram na praça bebem e conversam sentadas nas mesinhas de concreto. Quando a roda começa elas vão se aproximando para ouvir os MCs e as apresentações.

A roda geralmente se inicia com o sarau de poesia. Diferentemente das demais rodas, as batalhas do Engenho do Mato são sempre de conhecimento, cabendo ao público indicar os temas que serão abordados. Os temas são escritos em um quadro negro que é colocado próximo à roda, orientando os MCs, que como mediadores convidam as duplas a batalhar. Esses temas, como já foi dito, abarcam questões do cotidiano que afetam as pessoas que estão inseridas naquele espaço-tempo. Nas vezes em que a roda foi acompanhada surgiram temas, como: tráfico de drogas, corrupção, praça, esporte, diversidade, educação, guerra, consciência, mudança e amor. A partir deles, os MCs produzem suas rimas e se posicionam politicamente sobre eles de forma livre, produzindo informações, significados e sentidos a partir da mediação cultural. Como destacam Mendonça, Feitosa e Dumont (2019, p. 14) “A cultura permite aos indivíduos, no âmbito de suas vivências, o protagonismo dos processos de mediação, tornando-os construtores de experiências significantes e igualmente informacionais”. A partir de práticas e ações culturais, os artistas, poetas e MCs, produzem

⁶ Centros Integrados de Educação Pública (CIEP) – denominação usada para definir as escolas públicas criadas na década de 1980 pelo governador do estado do Rio de Janeiro Leonel Brizola.

representações e sentidos sobre o que passam cotidianamente, colocando-se ativamente no processo de mediação. É importante frisar que os fenômenos sociais vivenciados pelos sujeitos estão relacionados aos contextos social, político e econômico nos quais estão imersos (CAUNE, 2014), sendo ressignificados por meio das ações informacionais/culturais que ali se realizam, e que tem na roda sua maior expressão. Como destaca Alves (2015), o acirramento das desigualdades nas periferias das cidades tem provocado o crescimento de uma contra narrativa protagonizada por segmentos sociais e culturais, em sua maioria jovens negros e pobres, que sofrem com a marginalização e exclusão social. Essa contra narrativa encontra-se expressa nas rimas dos MCs e nas poesias recitadas nos saraus durante a roda, “criando um campo literário que tenciona lugares de fala, cultura, apropriação de território, a cidade” (ALVES, 2015, p. 118).

Por meio das rimas, poetas e MCs expõem sem pudor sobre o que vivem e o que passam na cidade, ressaltando assuntos ainda pouco discutidos na sociedade como: o racismo, a violência policial contra a periferia, machismo, entre outros que são produtos da nossa história escravocrata e patriarcal. Ao falar sobre esses assuntos ainda velados, os artistas conseqüentemente se posicionam politicamente sobre eles. Ao declamar suas poesias, eles se apropriam do espaço público da cidade (como praças e ruas) de uma forma única, uma forma própria deles. Com suas gírias e linguagens eles constroem um cenário para as suas poesias que denotam o que eles passam diariamente: “busão” lotado, invasão policial agressiva nas comunidades, mortes de jovens negros, fome, dificuldade de mobilidade, desigualdade social, entre tantos.

Como apontam Perrotti e Pieruccini (2014, p. 9) a mediação “[...] é ação portadora de sentidos próprios que estão em relação com sentidos incrustados tanto nos objetos, como nos sujeitos culturais e seus respectivos contextos”. Com isso, nota-se que a mediação é produtora de sentidos que estão expressos nas palavras dos artistas, não sendo possível haver informação ou comunicação sem a mediação. Corroborando, Rasteli e Caldas (2017, p. 155) destacam que “a mediação é instaurada através dos fenômenos da comunicação, tendo caráter histórico e social, e onde se espera que o repertório cultural da coletividade seja transformado através da apropriação cultural”.

Há na mediação cultural provocada pelas batalhas de rima e poesias o compartilhamento de informações, sendo o fio condutor da narrativa as palavras que se abrem ao exercício estético e à crítica. Nessa dialética se aflora a criatividade, portanto pode-

se dizer que esta ação guarda também uma dimensão formativa (GOMES, 2020). Ao transitar pela roda os sujeitos envolvidos (organizadores, MCs, artistas, moradores etc.) sentem-se acolhidos como participantes ativos, como protagonistas daquela ação cultural e, conseqüentemente, usufruem do prazer dessa experiência e do aprendizado que ela lhes confere, pois se constitui para a comunidade como um meio de comunicação e expressão, espaço de luta para se apropriar dos espaços públicos urbanos, como as praças, fazendo deles palco para suas manifestações artísticas, mas também lugar de denúncia e de reivindicação de direitos.

Todos os sujeitos mencionados são agentes do processo de mediação infocultural uma vez que produzem novos sentidos e significados a partir das práticas informacionais e culturais mobilizadas durante a roda e depois dela, pois espaços como a BEM continuam funcionando com cursos, aulas de reforço escolar, oficinas e com o atendimento na biblioteca.

A roda, enquanto expressão artística, pode ser entendida como um momento de catarse, onde jovens artistas e seu público se apropriam simbolicamente da cidade; se veem como sujeitos com autoridade para denunciarem o que experienciam cotidianamente: uma cidade desigual, precária e racista. A partir das ações culturais denunciam e ressignificam os espaços que ocupam, e sobre eles elaboram seus próprios territórios conforme seus anseios. Essa apropriação e ressignificação ocorre por conta do processo de mediação que abrange a produção de novos sentidos a partir da interpretação e reflexão sobre uma dada realidade.

Além de expressar uma ação cultural, a Roda Cultural do Engenho do Mato vem se consolidando como um espaço de discussão sobre a questão da cultura nas periferias da cidade. Sua praça recebeu no dia 25 de março de 2023 o I Fórum Cultural Urbano de Niterói, evento que reuniu organizadores e artistas da cena Hip Hop para falar de cultura e se apresentarem. Foi um momento de conagração, em que todos puderam se conhecer mais, trocar informações e opinar sobre a condução do movimento, tendo em vista a maior aproximação de algumas rodas com a prefeitura da cidade. Durante o Fórum os grafiteiros se dedicavam à produção de painéis, os b-boys dançavam ao som dos beats, os DJs se apresentavam. Todas essas atividades foram registradas por um fotógrafo profissional, pois tratava-se de mais uma mobilização cultural inédita em que o movimento mostrava sua força na cidade. Esse primeiro encontro marcou o começo de uma luta para o alcance das reivindicações que vêm sendo feitas à prefeitura, não só em relação ao movimento em si (iluminação nas praças, banheiro públicos no dia das rodas etc.), mas para as próprias

comunidades, regiões periféricas da cidade, abandonadas pelo poder público, onde faltam saneamento básico, equipamentos culturais, moradia digna e linhas de ônibus etc.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação cultural ganhou destaque na área da CI com a virada cultural na década de 1980, que possibilitou pensar a cultura como ponto de partida e de referência para reflexão. Nesse sentido, a mediação passou a se articular aos processos de significação e ressignificação, atribuição e produção de sentidos como vemos nas rodas culturais.

Conclui-se que a mediação cultural advém do conceito de mediação já consolidado na área da CI. A mediação durante um tempo foi considerada o ato de proporcionar o acesso à informação, aos bens culturais ou à leitura principalmente no âmbito institucional. No entanto, com o passar dos anos, esse conceito ampliou-se, considerando a possibilidade de se manifestar em contextos sociais e culturais distintos (como em museus, bibliotecas, espaços públicos ou em equipamentos culturais), valorizando os sentidos e significados produzidos pelos sujeitos ativamente com base nas relações, interações e vivências cotidianas. Através das rimas e poesias, os MCs e poetas, consolidam-se como mediadores expressando através de palavras as suas representações simbólicas, como os sentidos de viver na cidade, inclusive com as mazelas sociais que a atravessa (como a desigualdade, pobreza, miséria, racismo, violência). A comunicação e a informação se colocam como elementos fundamentais no processo de mediação cultural na medida em que por meio dessas ações são feitas apropriações culturais e representações simbólicas pelos diferentes sujeitos em contextos distintos. A roda, ao dar voz aos artistas, permite que eles se tornem mediadores de suas próprias narrativas. Ainda vale ressaltar que a mediação cultural encontra abertura nos espaços públicos, como as praças, visto que estes possibilitam a dialética entre as representações individuais (dos artistas) e as formas coletivas. Apesar da desigualdade econômica que cinde a cidade, empurrando os mais pobres para as favelas e periferias, a dimensão simbólica da cidade mostra-se viva para aqueles que a experienciam. Nesse cenário destaca-se a juventude, que congregada pelo movimento/cultura Hip Hop, se apresenta como agente produtor e mediador de ações infoculturais, carregadas de símbolos, desejos e frustrações, por meio das quais se apropriam do espaço urbano.

Nessa direção, podemos concluir que as rodas culturais, são espaços de mediação pois permitem que os jovens se apropriem de seus bairros, mas também de si mesmos, refletindo

sobre os problemas que os afligem e os denunciando; ressignificando e revitalizando com sua arte os espaços públicos depreciados pelo Estado e carentes de equipamentos públicos que proporcionem educação, cultura e lazer para seus moradores. Inspirados em Nunes e Cavalcante (2017) podemos dizer que a mediação cultural que vemos nas rodas culturais envolve não apenas a produção de significados e sentidos por parte dos poetas e MCs, que ao se apropriarem simbolicamente dos seus territórios de vida produzem seus textos, mas também por parte do público, que ao receber as informações dos artistas as interpreta a partir das suas experiências e dos seus contextos, produzindo novos sentidos. Assim, além da produção de novos sentidos, há o intercâmbio dos mesmos, possibilitado pelo contexto da roda cultural, um espaço de educação informal que por meio da cultura favorece e estimula a troca de informações e de conhecimentos entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, Brasília, v.2, n.1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170/170> Acesso: 14 jul. 2021.
- ALMEIDA, Marco Antônio. Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007. **Anais [...]**. Salvador: UFBA/ANCI, 2007. Disponível: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/178044> Acesso em: 01 jul. 2023.
- ALMEIDA, Marco Antônio. Práticas infocomunicacionais e mediações na cultura da convergência. **Revista Do Centro De Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 7, 2018.
- ALVES, Rôssi. Rima e a estética da resistência. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.22, n.37, p. 1-15, jul/dez. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19934> Acesso em: 29 nov. 2022.
- ALVES, Rôssi. Rodas Culturais- a arte nas praças cariocas. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 441-450, 2014.
- BEZERRA, Arthur Coelho; CAVALCANTE, Luciane de Fátima. Mediação cultural da informação para o reencantamento do mundo. **Encontros Bibli**, Florianópolis, SC, v. 25, p. 01-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/1518-2924.2020.e72831/44027/271052> Acesso 20; jul. 2023.

CAMPOS, Ricardo. Marnoto de O. O. Juventude e culturas de rua híbridas. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 587-612, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752020v10211> Acesso em: 10 maio 2022.

CARRANO, Paulo. **Territórios juvenis**. Niterói: UFF/ Observatório Jovem, 2013.

CARRANZA, Valentina W. et al. Rodas culturais: resistências e juventudes. **Estudios sobre las Culturas Contemporâneas**, Colima, México, v. 25, n. 49, p 67-87, 2019.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/316/31658531003/html/> Acesso em: 10 maio 2022.

CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação**: convergências teóricas e lugares de mediação. São Paulo: UNESP, 2014.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intra-urbano e formação para a participação em sua gestão. In: PAULA, F. M. A.; CAVALCANTI, L. S. **A cidade e seus lugares**. Goiânia: Vieira, 2007.

CAZÉ, Clotildes; OLIVEIRA, Adriana. Hip hop: cultura arte e movimento no espaço da sociedade contemporânea. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 4., Bahia. **Anais [...]**. Bahia, EEMC, 2008.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. Crítica y Emancipación. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, v. 1, n. 1. p. 53-76, jun. 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod_resource/content/1/Chauí%20Cultura%20e%20Democracia.pdf Acesso: 18 set. 2023.

COSTA, Leonardo Figueredo. Um estudo de caso sobre a mediação cultural In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009. **Anais [...]** Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2009/19356.pdf> Acesso: em 2 jun. 2023.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, p. 98-117, 2016.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: estudos**. João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-23, out./dez., 2020.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n. 2, p. 15 -46, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361> Acesso em 17 jul. 2023.

LOURENÇO, Mariane Lemos. Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. **Psicologia América Latina**, [México], n. 19, 2010.

MARTINS, Ana Amélia Lage. Mediação: categoria lógica, ontológica, epistemológica e metodológica. **Investigación bibliotecológica**, Ciudad de México, v. 33, n. 80, p. 133-154, set. 2019.

MENDONÇA, Ismael Lopes; FEITOSA, Luiz Tadeu; DUMOND, Lígia Maria Moreira. Por uma relação cultural com a informação, *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., Florianópolis, 2019. **Anais [...]**. Florianópolis, UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/download/1001/492> Acesso 18 jul. 2023.

NITERÓI (RJ). Prefeitura Municipal. **Guia Niterói: (2007-2013)** Niterói: Prefeitura Municipal, 2013.

NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Por uma epistême mediacional na Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. /], v. 10, n. 2, ago./dez., 2017, Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/413/412> Acesso em 10 jul. 2023.

PAULA, Benjamin Xavier de. O movimento hip hop e a construção da identidade negra/juvenil. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As**, Curitiba, v. 2, n. 5, p. 63-73, 2011.

PERROTI, Emir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 1-22, 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992> Acesso em: 15 maio 2023.

RESTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. Percepções sobre a mediação cultural em bibliotecas. **TransInformação**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 151-161, maio/ago., 2017.

SILVA, Carlos Robson Souza da; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Da mediação à mediação cultural da informação: percursos e questionamentos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., Porto Alegre, 2022 **Anais [...]**. Porto Alegre, UFRGS, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/200600> Acesso 18 jul. 2023 Acesso em: 17 jul. 2023.

SILVA, Rosiclei da.; ALBAGLI, Sarita. Arte, informação e conhecimento na cultura hip hop. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. /], v. 5, n. 1, p.1-21, 2012.